

Baseado em
uma história
real de dor, luta
e esperança

**AUTORA
BEST-SELLER**
Mais de 8 milhões
de exemplares
vendidos

TRÊS

IRMÃS

HEATHER MORRIS

Da autora best-seller de

O TATUADOR DE AUSCHWITZ

 Planeta

PROIBIDA A REPRODUÇÃO PARA DIVULGAÇÃO

HEATHER MORRIS

TRÊS

 Planeta
IRMÃS

Tradução
Petê Rissatti

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Heather Morris, 2021

Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2022

Copyright da tradução © Petê Rissatti

Todos os direitos reservados.

Título original: *Three Sisters*

Originalmente publicado em inglês como *Three Sisters* pela Zaffre, um selo da Bonnier Books, Londres

Preparação: Débora Dutra

Revisão: Marina Castro e Bárbara Parente

Diagramação: Beatriz Borges

Capa: Nick Stearn

Adaptação de capa: Beatriz Borges

Imagem de capa: © ImageBROKER/Alamy Stock Photo (Auschwitz); Shutterstock.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Morris, Heather

Três irmãs / Heather Morris; tradução de Petê Rissatti. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2022.
352 p.

ISBN: 978-65-5535-639-7

Título original: *Three Sisters*

1. Literatura inglesa 2. Holocausto judeu (1939-1945) – Ficção 3. Guerra Mundial, 1939-1945 – Ficção I. Título II. Rissatti, Petê

22-0933

CDD 823

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa



Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo

2022

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

1

Vranov nad Topl'ou Março de 1942

— Por favor, diga que ela vai ficar bem, estou muito preocupada com ela — diz Chaya, aborrecida, enquanto o médico examina sua filha de dezessete anos.

Magda está lutando contra a febre há dias.

— Sim, sra. Meller, Magda ficará bem — tranquiliza-a o dr. Kisely.

O minúsculo quarto contém duas camas: uma em que Chaya dorme com sua filha mais nova, Livi, e a outra que Magda divide com a irmã mais velha, Cibi, quando ela está em casa. Um grande armário ocupa uma parede, atulhado com os humildes pertences pessoais das quatro mulheres da casa. E, ocupando um lugar de destaque, o borrifador de vidro lapidado para perfumes com fita e borla verde-esmeralda; ao lado dele, uma fotografia granulada. Um homem bonito está sentado em uma cadeira simples, uma criança pequena em um joelho e uma menina mais velha no outro. Outra garota, ainda mais velha, está à esquerda. À direita está a mãe das meninas, com a mão apoiada no ombro do marido. Mãe e filhas usam vestidos rendados brancos e juntos eles formam uma família perfeita, ou, pelo menos, costumavam formar.

Quando Menachem Meller morreu na mesa de cirurgia, com a bala finalmente removida, embora uma perda de sangue tenha sido grande demais para ele sobreviver, Chaya ficou viúva, e as meninas, órfãs. Yitzchak, pai de Chaya e avô das irmãs, mudou-se para o pequeno chalé a fim de oferecer a ajuda que pudesse, embora o irmão de Chaya, Ivan, morasse na casa em frente à deles.

Chaya não está sozinha, apesar de se sentir assim.

As pesadas cortinas do quarto estão fechadas, negando a Magda, trêmula e febril, o brilhante sol primaveril que agora espreita por cima do varão da cortina.

— Podemos conversar na outra sala? — O dr. Kisely toma o braço de Chaya.

Livi, de pernas cruzadas na outra cama, observa Chaya colocar outra toalha molhada na testa de Magda.

— Fica com sua irmã? — pergunta a mãe, e Livi concorda com a cabeça.

Quando os adultos saem do quarto, Livi vai até a cama da irmã e se deita ao lado dela, limpando o suor do rosto de Magda com uma flanela seca.

— Você vai ficar bem, Magda. Não vou deixar que nada aconteça com você.

Magda força um pequeno sorriso.

— Essa fala é minha. Sou sua irmã mais velha, eu cuido de *voce*.

— Então, melhore.

Chaya e o dr. Kisely caminham alguns passos do quarto até a sala principal na pequena casa. A porta da frente abre diretamente para esta aconchegante sala de estar, com uma pequena cozinha nos fundos.

O avô das meninas, Yitzchak, está lavando as mãos na pia. Uma trilha de aparas de madeira o seguiu desde o quintal, e mais lascas estão no feltro azul desbotado que cobre o chão. Assustado, ele se vira, jogando água no chão.

— O que está acontecendo? — pergunta ele.

— Yitzchak, estou feliz que esteja aqui, venha e sente-se conosco.

Chaya rapidamente se vira para o jovem médico com medo nos olhos. O dr. Kisely sorri e a guia até uma cadeira da cozinha, puxando outra da mesinha para Yitzchak se sentar.

— Ela está muito doente? — pergunta Yitzchak.

— Ela vai ficar bem. É uma febre, nada do que uma jovem saudável não possa se recuperar no tempo dela.

— Então, do que se trata *isso*?

Chaya faz sinal com uma mão entre o médico e ela mesma.

O dr. Kisely encontra outra cadeira e se senta.

— Não quero que se assuste com o que estou prestes a lhe contar.

Chaya apenas acena com a cabeça, agora desesperada para que ele diga o que precisa dizer. Desde que a guerra estourou, os anos a mudaram: sua testa, antes lisa, está enrugada, e ela está tão magra que seus vestidos caem como roupa molhada.

— O que é isso, homem? — questiona Yitzchak. A responsabilidade assumida com a filha e as netas o envelheceu além da idade, e ele não tem tempo para intrigas.

— Preciso internar Magda no hospital...

— Quê? Você acabou de dizer que ela vai melhorar! — explode Chaya. Ela se levanta, agarrando a mesa para se apoiar.

O dr. Kisely levanta a mão para silenciá-la.

— Não é porque ela está doente. Há outro motivo pelo qual quero internar Magda e, se você me ouvir, vou explicar.

— Do que o senhor está falando? — Yitzchak diz. — Desembucha.

— Sra. Meller, Yitzchak, tenho ouvido rumores, terríveis rumores, conversas de jovens judeus, meninas e meninos, sendo levados da Eslováquia para trabalhar para os alemães. Se Magda estiver no hospital, estará segura, e prometo que não deixarei que nada aconteça com ela.

Chaya desaba de volta na cadeira, com as mãos cobrindo o rosto. É muito pior do que febre.

Yitzchak distraidamente dá um tapinha nas costas dela, mas agora está concentrado, com a intenção de ouvir tudo o que o médico tem a dizer.

— O que mais? — pergunta ele, encontrando os olhos do médico, pedindo-lhe para ser franco.

— Como eu disse, boatos e mexericos, nada disso é bom para os judeus. Se eles vierem pegar seus filhos, será o começo do fim. E *trabalhar* para os nazistas? Não temos ideia do que isso significa.

— O que podemos fazer? — pergunta Yitzchak. — Já perdemos tudo, nosso direito de trabalhar, de alimentar nossas famílias... O que mais podem tirar de nós?

— Se o que tenho ouvido tiver alguma base em fatos, eles querem suas filhas.

Chaya endireita-se. Seu rosto está vermelho, mas ela não está chorando.

— E Livi? Quem protegerá Livi?

— Acredito que prefiram jovens com dezesseis anos de idade ou mais. Livi tem quatorze anos, não é?

— Ela tem quinze.

— Ainda é um bebê. — O dr. Kisely sorri. — Acho que Livi vai ficar bem.

— E quanto tempo Magda ficará no hospital? — pergunta Chaya. Ela se vira para o pai. — Ela não vai querer ir, não vai querer deixar Livi. Não se lembra, pai, de quando Cibi foi embora? Ela fez Magda prometer que cuidaria da irmãzinha.

Yitzchak dá um tapinha nas mãos de Chaya.

— Se quisermos salvá-la, ela precisa ir, quer queira, quer não.

— Acho que alguns dias, talvez uma semana, é tudo de que precisamos. Se os rumores forem verdadeiros, vai acontecer em breve, e depois a trarei para casa. E Cibi? Onde ela está?

— Você a conhece, está fora com o *Hachshara*.

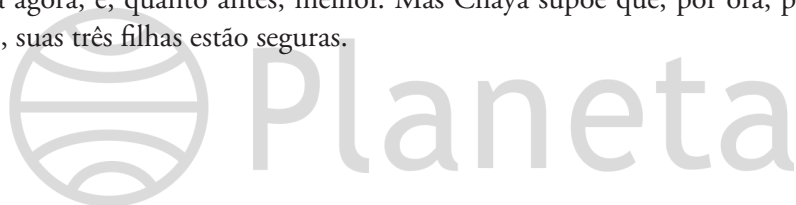
Chaya não sabe o que pensar do *Hachshara*, um programa de treinamento para ensinar aos jovens, como Cibi, as habilidades necessárias para levar uma nova vida na Palestina, longe da Eslováquia e da guerra que assola a Europa.

— Ainda está aprendendo a cultivar o solo? — brinca o médico, mas nem Chaya nem Yitzchak sorriem.

— Se ela for emigrar, é isso que vai encontrar quando chegar lá, muita terra fértil esperando para ser plantada — disse Yitzchak.

Mas Chaya permanece em silêncio, perdida em pensamentos. Uma filha no hospital, outra jovem o suficiente para escapar das garras dos nazistas. E a terceira, Cibi, a mais velha, agora faz parte de um movimento jovem sionista inspirado pela missão de criar uma pátria judaica, seja lá quando for.

Já ficou clara para todos eles a verdade de que precisam de uma terra prometida agora, e, quanto antes, melhor. Mas Chaya supõe que, por ora, pelo menos, suas três filhas estão seguras.



2

Área de floresta fora de Vranov nad Topl'ou Março de 1942

Cibi se abaixa quando um pedaço de pão passa voando ao lado de sua cabeça. Ela faz uma careta para o jovem que o atirou, mas seus olhos cintilantes contam uma história diferente.

Cibi não hesitou quando recebeu o chamado, respondendo ansiosamente ao desejo de criar uma vida nova em uma nova terra. Em uma clareira no meio do bosque, longe de olhares curiosos, foram construídas cabanas de dormir, uma sala comum e uma cozinha. Lá, vinte adolescentes de cada vez aprendem a ser autossuficientes, vivendo e trabalhando juntos em uma pequena comunidade, preparando-se para uma nova vida na Terra Prometida.

O responsável por essa chance é o tio de um dos meninos que também está em treinamento. Embora tivesse se convertido do judaísmo ao cristianismo, Josef guardava simpatia pela situação dos judeus na Eslováquia, apesar de sua mudança de credo. Rico, havia adquirido um terreno na floresta nos arredores da cidade, um espaço seguro para meninos e meninas se reunirem e treinarem. Josef tem apenas uma regra: às sextas-feiras de manhã todos tinham que voltar para casa antes do *Shabbat*, regressando apenas no domingo.

Na cozinha, Josef suspira enquanto observa Yosi jogar uma casca de pão em Cibi. Os preparativos para a viagem já foram feitos para esse grupo – partirão em duas semanas. Seu campo de treinamento está funcionando: oito grupos já haviam partido para a Palestina – e aqui ainda estão assim, fazendo bagunça.

— Se o calor da Palestina não nos matar, sua comida vai, Cibi Meller! — o menino que implica com Cibi grita para ela. — Talvez você deva só *cultivar* os alimentos mesmo.

Cibi vai até o jovem e passa o braço em volta do pescoço dele.

— Você fica jogando coisas em mim e não vai viver para chegar à Palestina — ela diz para ele, apertando só um pouquinho.

— Tudo bem, pessoal — Josef anuncia. — Terminem de comer e vão para fora. O treino começa em cinco minutos. — Ele faz uma pausa. — Cibi, você precisa ficar mais tempo na cozinha trabalhando suas habilidades para fazer pães?

Soltando o pescoço de Yosi, Cibi fica em posição de sentido.

— Não, senhor, não consigo vê-los progredindo, não importa quanto tempo eu passe na cozinha.

Enquanto ela fala, vinte cadeiras raspam no chão de madeira da sala de jantar improvisada; meninos e meninas judeus correm para terminar a refeição, ansiosos para estar do lado de fora e começar a treinar de novo.

Formando fileiras desordenadas, ficam em posição de sentido quando seu professor, Josef, aproxima-se, radiante. Está orgulhoso de seus bravos recrutas, tão dispostos a embarcar em uma jornada perigosa, deixando para trás a família e o país, enquanto a guerra e a ocupação nazista se alastram ao redor. Mais velho, mais sábio, ele previu o futuro dos judeus na Eslováquia e invocou o *Hachshara*, acreditando que era a única chance que tinham se eles sobrevivessem ao que estava por vir.

— Bom dia — Josef diz.

— Bom dia, senhor — responde o coro dos treinandos.

— Naquele dia, o Senhor fez uma aliança com Abraão... — ele instiga em tom de pergunta, buscando o conhecimento do versículo do primeiro livro da Bíblia.

— À tua semente tenho dado esta terra, desde o rio do Egito até o grande rio Eufrates — responde o grupo.

— E o Senhor disse a Abraão...

— Sai-te da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei — eles terminam a frase.

A solenidade do momento é rompida pelo barulho de um caminhão se esforçando para chegar à clareira. Depois de parar ao lado deles, um fazendeiro local sai do veículo.

— Yosi, Hannah, Cibi — chama Josef —, vocês serão os primeiros a ter aulas de direção hoje. E, Cibi, não me importa que tipo de cozinheira você seja, precisa aprender a dirigir um caminhão. Agarre-o com o mesmo entusiasmo com que atacou o pescoço de Yosi antes e passará a treinar outros em breve.

Preciso que todos vocês se destaquem em uma coisa para que possam ajudar aqui no treinamento. Entendido?

— Sim, senhor.

— Agora, os demais podem ir para o galpão. Há muitas máquinas agrícolas lá dentro que vocês aprenderão a usar e manter.

Cibi, Hannah e Yosi reúnem-se ao lado do caminhão, diante da porta do motorista.

— Tudo bem, Cibi, você primeiro. Tente não quebrar o caminhão antes que Hannah e eu possamos tentar — diz Yosi, brincando. Cibi avança sobre Yosi e, mais uma vez, um braço passa ao redor do pescoço dele.

— Vou dirigir pelas ruas da Palestina antes que você encontre a primeira marcha — rosna Cibi em seu ouvido.

— Tudo bem, fiquem separados, vocês dois. Cibi, suba no banco, vou entrar do outro lado — diz o fazendeiro.

Enquanto Cibi sobe no caminhão, Yosi a empurra por trás. Com metade do corpo dentro, metade fora da cabine, Cibi pensa no que deve fazer. Decide que ajudará Yosi da mesma maneira quando for a vez dele.

Yosi e Hannah caem na gargalhada enquanto Cibi, atrás do volante do caminhão, liga o motor e entra chacoalhando na estrada. Da janela do motorista um braço se estende, um dedo médio levantado.